

# “PSICOPEDAGOGIA & PSICOMOTRICIDADE: PONTOS DE INTERSECÇÃO NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM”

Autora: Auredite Cardoso Costa; Editora Loyola, 2002.

Resenha: Cássia Virgínia Moreira de Alcântara

A Psicomotricidade explica a imagem corporal construída pelo sujeito cognoscente a partir de uma noção de completude. Mas embora já se tenha consciência desta representação, não será esta noção a única que orientará os caminhos de vários profissionais. Há uma forte tendência à fragmentação corporeamente. Esta fragmentação tem caracterizado a prática de vários segmentos profissionais que fracionam o indivíduo atuando em suas mais diversas partes. A Psicopedagogia e a Psicomotricidade não escapam à essa caracterização. Por isso, recomenda-se a obra em questão na qual a autora, Auredite Cardoso Costa, busca pontos de intersecção nas práticas desenvolvidas por profissionais da Psicopedagogia e da Psicomotricidade, a partir da concepção de um sujeito total. Já nas primeiras páginas de seu livro, o sentido desta obra se explicita nas palavras de sua autora:

*“Não se concebe um psicopedagogo que trabalhe com o corpo estático e desconheça os movimentos desse no aprender. Não se concebe um psicomotricista que trabalhe com o corpo em*



*movimento e não conheça o corpo discursivo do sujeito que aprende. É preciso que haja uma interdisciplinaridade na ação ensinar-aprender para que o sujeito que aprende seja compreendido em sua totalidade, mesmo dentro de uma abordagem específica”.*

A psicopedagoga e psicomotricista introduz sua obra fazendo uma auto-análise de sua prática profissional afirmando ter sido inicialmente uma prática extremamente tecnicista, que abordava o sintoma de forma fragmentada e exercitava partes do corpo para justificar a melhoria do todo. Mas ao mesmo tempo que este relato expressa um “mea culpa” não significa apenas queixas e lamurias. Vem associado de um outro movimento mais saudável e carregado de uma energia libidinal que ressignifica suas inquietações em busca da superação do que lhe incomodava. É neste movimento de práxis que a autora gesta em si própria a semente, que germinada, faz nascer esta reflexão teórica. Este movimento de superação de suas angústias pessoais associado ao privilégio do exercício simultâneo da Psicopedagogia e da Psicomotricidade, duas práticas que se dirigem, respectivamente, para ações que têm como alvo à esfera intelectual e corporal, prioritariamente, mas não exclusivamente, levaram a autora a encontrar os pontos de intersecção entre essas duas áreas do conhecimento, elegendo um

Cássia Virgínia Moreira de Alcântara – Pedagoga com Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Professora de Planejamento e Avaliação da Faculdade Pio Décimo – Aracaju – SE, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Aracaju – SE.

elemento em comum entre elas – o corpo – que tomado como objeto de análise, permitiu esta produção científica, sintetizada por ela própria na poesia das palavras abaixo:

*“o corpo em movimento entrelaça-se com o movimento do corpo e, nessa dança harmônica, Psicopedagogia e Psicomotricidade formam um ‘corpo’ que discursa sobre o corpo”.*

Este “corpo” teórico vai sendo produzido pela autora ao tentar responder ao seguinte questionamento: Há similaridade nos processos terapêuticos da Psicopedagogia e da Psicomotricidade? Que pontos de intersecção podem ser identificados no exercício das duas práticas profissionais em prol da superação das dificuldades de aprendizagem?

Tomando o corpo como ponto de partida, o primeiro capítulo deste livro foi dedicado ao resgate histórico das diferentes leituras que este corpo já possibilitou desde a visão cartesiana que o toma como “res extensa”, passando pela visão de um corpo que ocupou lugar de destaque nas ciências neurológicas e foi visto como sede das perturbações motoras até chegar numa visão que deixa de pôr ênfase na separação e na dualidade para reafirmar a unidade, resultando um olhar clínico que tem como objeto um corpo real, simbólico e imaginário que representa um sujeito visto em sua dimensão social, afetiva, intelectual e psicomotora. A autora conclui este primeiro capítulo afirmando que:

*“...o corpo é considerado um instrumento na relação, realidade interna e externa, um eixo de sustentação da vida sócio-psico-afetiva do sujeito”.*

Em seguida, no segundo capítulo, a autora debruça-se sobre a árdua tarefa de identificar os pontos de intersecção entre Psicopedagogia e Psicomotricidade ao longo de uma detalhada análise histórica destas duas práticas profissionais. Inicialmente, um primeiro ponto de intersecção levantado por Costa, reporta-se a uma prática classificatória, realizada no início do século XX, que tomava como distúrbios tantos os problemas psicomotores quanto os problemas de aprendizagem, instituindo um diagnóstico

padrão para os portadores de distúrbios psicomotores e de aprendizagem. Um segundo momento, apontado durante o resgate histórico destas duas práticas, revela “...uma visão mais ampla dos processos de aprendizagem e suas ‘patologias’ ... um caráter multifacetário, exigindo assim um atendimento multidisciplinar”. Neste momento, as contribuições de autores como Visca e Sara Paín são consideradas pela autora como fronteiras que delimitam uma nova concepção evidenciada pelas diferenças entre distúrbios, problemas e dificuldades de aprendizagem. Um terceiro e último ponto de intersecção é levantado por Costa ao demarcar mais uma destas zonas limítrofes que definem radicais alterações no âmbito destas práticas profissionais. Este momento se dá quando finalmente Psicopedagogia e Psicomotricidade constroem uma prática que ultrapassa as barreiras da ação reeducativa buscando, a partir dos fundamentos da psicanálise, atender às exigências de um sujeito uno.

A influência da psicanálise para estas duas áreas do conhecimento - Psicopedagogia e Psicomotricidade - será tomada como objeto de estudo mais detalhado no terceiro capítulo, quando a autora faz uma revisão teórica, resgatando a importância deste “olhar psicanalítico no trabalho dos psicopedagogos e psicomotricistas. O relato revela que estes profissionais redimensionaram suas práticas ao perceber “o homem como um ser interdisciplinar, sujeito ‘psicomotor cognoscente’, marcado por uma falta, representada pela linguagem simbólica” (p. 37). Neste capítulo, as contribuições da psicanálise, em função da compreensão dos processos transferenciais, em função da transformação do próprio conceito de corpo e em função da visão de um sujeito que é dotado da capacidade de se comunicar a partir da construção da linguagem, são destacadas pela autora como importantes contribuições para a compreensão do aprender como um ato desejante e do não-aprender como “um sintoma que pode ser uma defesa e tem um efeito positivo sobre o sujeito” (p. 42). É neste contexto que a autora afirma que:

*“A Psicopedagogia e a Psicomotricidade são*

*áreas do conhecimento que têm um caráter interdisciplinar e, no seu processo de evolução, recebem contribuição da psicanálise. Em sua abordagem terapêutica dirigem olhar para o sujeito desejante, embora cada uma tenha sua especificidade de trabalho e linha de ação diferentes.” (p. 42)*

No quarto e último capítulo desta obra a possibilidade de pensar um sujeito desejante, que nasce dentro dos limites da psicanálise, é ampliada e complementada a partir da visão de um sujeito cultural, inserido num dado contexto histórico e marcado pelas mediações que exerce sobre esse meio. Esta possibilidade vai sendo descortinada ao tempo em que Costa faz um histórico da Sociopsicomotricidade Romain-Thiers e torna possível a compreensão da riqueza metodológica contida nesta proposta de trabalho psicomotricista.

*“O sujeito abordado pela Sociopsicomotricidade Romain-Thiers é um sujeito psíquico, que engloba o sujeito social, cognitivo e motor em sua dinâmica grupal e individual.” (p. 54)*

Este último elemento, o sociocultural, completa o quebra-cabeça que permitirá compreender o homem a partir de uma perspectiva de totalidade. Mais do que isso, a mensagem principal da autora nesta obra é uma espécie de lição que revela para cada um dos leitores a possibilidade de transformação de uma prática. Como foi dito pela autora na introdução de sua obra, sua

prática era marcada por uma tendência tecnicista onde a ação principal resumia-se no tratamento do sintoma. Ao concluir seu livro, Costa afirma:

*“Não se pode pensar num sujeito epistêmico sem pensar que ele porte uma subjetividade que é da ordem do inconsciente. No sujeito aprendente, objetividade e subjetividade entrelaçam-se num contexto do aprender. O corpo em seus movimentos transmite e capta. É o portador de seu saber e conhecer, mas exige um interlocutor que saiba eficazmente decodificar sua mensagem expressa numa linguagem sem sons verbalizados.” (p. 74)*

À guisa de conclusão, não há muito o que acrescentar do que já foi dito pela própria autora. A riqueza e significatividade da obra se expressam duplamente nas suas palavras finais. A trajetória percorrida por Costa ao buscar um caminho alternativo de superação da mesmice para reorientar sua prática profissional é um grande elemento de aproximação do leitor com a obra e sua autora. Deixa vir à tona a mensagem que está em suas entrelinhas funcionando como um incentivo a essa busca que deve orientar os caminhos de qualquer outro profissional. A contribuição teórica que permite um repensar de outras tantas práticas profissionais está resumida em algumas palavras já lidas em outras circunstâncias, mas que se aplicam muito bem neste momento: *“Não se aprende de qualquer um, aprende-se daquele a quem se outorga o direito de nos ensinar”.* (Monteiro, 1993).

## ERRATA

**No artigo “O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer”, de autoria de Edith Rubinstein, publicado na edição nº 60/2002, pág. 81, no destaque escrito: “Porém, o “Conhecer”, enquanto regra de apresentação...”, o correto é “Conhecer”, enquanto regra de representação. Na mesma página, na 12ª linha, o texto está incorreto. O correto é “Porém, o “Conhecer”, enquanto regra de representação, precisa do saber enquanto instância subjetiva...”**